PRODUÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E O ESTADO NO MUNDO DA VIDA DOS CABOCLOS EM MAJOR SALES/RN

Rosalvo Nobre Carneiro[1]

RESUMO

A "terra da cultura"! É assim que as acolhedoras 3.955 pessoas de Major Sales, no interior do Rio Grande do Norte, têm orgulho de se autodenominarem. Identidade cultural, mas, sobretudo identidade territorial. Este estudo objetivou verificar as relações entre a institucionalização do festival de caboclos, a reprodução simbólica do espaço de Major Sales, RN, e a reconstrução de itinerários simbólicos e espaços materiais. Na geografia, levantamento de fontes em bases de dados, verificou uma lacuna no saber sobre o tema. Pesquisa realizada entre 2017 e 2019, se baseou no pensamento habermasiano sobre a disjunção entre o mundo da vida e o mundo do sistema, isto é, do conflito entre a dimensão cultural e a dinâmica do subsistema mercado e política. Demonstra-se que as ações instrumentais da prefeitura municipal contribuíram para produzir uma imagem territorial associada à tradicional manifestação cultural da malhação de Judas que é, atualmente, condição da própria sobrevivência dessa tradição. Neste cenário, a reprodução simbólica do espaço, expressa na construção de identidade territorial, se associa à produção material do espaço, pelas ações instrumentais e estratégicas do Estado.

Palavras-chave: Malhação de Judas, Agir comunicativo, Jurgen Habermas.

SYMBOLIC PRODUCTION OF SPACE AND THE STATE IN THE WORLD OF LIFE CABOCLE IN MAJOR SALES / RN

ABSTRACT

The "land of culture"! That is how the welcoming 3.955 people from Major Sales, a town located in the Brazilian backlands of Rio Grande do Norte, are proud of call themselves of. Cultural identity, but, above all, territorial identity revealing local geographicity. This study aimed to verify the relationship between the institutionalization of the *Festival de Caboclos*, the symbolic reproduction of the Major Sales/RN space and the reconstruction of symbolic itineraries and material spaces. In the field of geography, through a survey of sources in databases, there was a gap in knowledge on the topic. Research realized between 2017 and 2019 by using the Habermasian thinking of the disjunction between the world of life and the world of system, as well as the conflict between the cultural dimension and the dynamics of the market and political subsystems. It is demonstrated that the instrumental actions of the local town hall contributed to produce a territorial image associated with the traditional cultural manifestation of *Malhação do Judas* Festival, which is, today, a condition for the very survival of this tradition itself. In this scenario, the symbolic reproduction of space, expressed in the construction and maintenance of territorial identity, is associated with the material production of space, through instrumental and strategic actions by the State.

Keywords: *Malhação de Judas*, Communicative Acting, Jurgen Habermas.

[1] Doutor em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE), rosalvonobre@uern.br.

Introdução

A “terra da cultura”! É assim que as simpáticas e acolhedoras 3.955 pessoas do município de Major Sales, no interior do Rio Grande do Norte, têm orgulho de se autodenominar quando são perguntadas sobre onde moram. Identidade cultural, mas também uma identidade territorial, das relações de proximidade, do orgulho de um povo com o seu espaço.

Neste contexto, uma tradição católica local – a malhação de Judas – explica de modo direto a construção social de outra tradição, conhecida, em Major Sales, como a dança de Caboclos, e realizada desde 1924.

Em 1992 o município foi criado com o desmembramento de Luís Gomes pela Lei 6.298 de 26 de junho. Dois anos antes foi criado o concurso de caboclos, realizando-se inicialmente na residência da família Oliveira, no sítio Cavas, portanto, na zona rural, e se direcionando até 2008 para as laterais da Igreja Nossa Senhora do Sagrado Coração. De 2009 em diante, passa a se realizar na praça da cidade, reformada com a denominação de praça de eventos, a nova função acumulada desta forma espacial para receber esta tradição (NASCIMENTO, 2017).

Deste modo, tradição cultural, ação do Estado e espaço são analisados em interação, logo a reprodução do espaço é compreendia por suas dimensões simbólicas e materiais. Norteou-nos a seguinte questão: a reprodução simbólica do espaço de Major Sales, expressa na construção e manutenção da identidade territorial cabocla, se relaciona em que medida à produção material do espaço pelas ações instrumentais e estratégicas do poder publico municipal?

Supõe-se que a reprodução simbólica do espaço está ligada a construção de formas/objetos materiais e simbólicos pelas ações do Estado que geram uma imagem territorial das manifestações culturais caboclas. Neste sentido, a racionalização do mundo da vida pela lógica do Estado, associada a estratégias do mercado, tem contribuído para a reprodução simbólica das manifestações culturais com rebatimentos sobre a (re) construção de identidades territoriais.

Em visão histórica, sendo originária da Península Ibérica a malhação de Judas é introduzida no Brasil durante o período colonial, sendo realizada até o final do século XVIII no mês de junho e às vésperas do dia de São Pedro (AZZI, 1978). Posteriormente passou a ser realizada no período da semana Santa (CASCUDO, 1979). Mendes (2007) identificou para a antropologia social uma carência de estudos e registros etnográficos sobre a “festa do Judas”, “queimação do Judas”, “brincadeira do Judas” ou “malhação do Judas”, denominações correlatas. Em outras áreas, pode-se consultar Andrade (2007), Jiménez (2007), Zecca (2008) e Gutiérrez (2014).

Na geografia, apesar dos esforços de levantamento de fontes em bases de dados, identificamos essa mesma lacuna. Deste modo, os textos mais recentes são os de Freitas (2016), uma

monografia no território da serra do brigadeiro, em Viçosa, Minas Gerais; Sobre a dança de caboclos em Major Sales, a dissertação de Nascimento (2017); os estudos de Nascimento; Carneiro (2017); de Assis; Conceição; Carneiro (2016); de Nascimento; Araújo; Carneiro (2014); e sobre Lujan na Argentina, o artigo de Giop (2019).

Diante disso, justifica-se uma atenção ao tema, especialmente no Rio Grande do Norte e em Major Sales que se destaca no estado e nacionalmente como referência cultural. É neste contexto que se insere este estudo, no sentido de acompanhar e situar as maneiras de manutenção e de renovação da tradição e que são fundamentais para a própria realidade local.

De modo geral, a queima do Judas representa uma manifestação crítica às pessoas públicas, a exemplo dos políticos que por alguma razão são de desagrado popular (MOTA, 1982). Tal prática funciona como uma folkcomunicação, ou seja, como uma forma de comunicação dos excluídos mediada pelo folclore (SILVA, 2013). Sendo um ritual de sacrifício, significa também a imolação de vítimas de conflitos, como no caso do bairro das Rocas em Natal no Rio Grande do Norte (MENDES, 2007). Na tradição de Major Sales, a figura humana representativa central do boneco ainda é o Judas.

No entanto, Souza (2015) considera que esta cultura local foi ressignificada com a criação do concurso que se tornou um dos principais pontos dessa manifestação. A ressignificação também é destacada por Nascimento (2017), pela recriação da cultura, transformação e organização do espaço e suas práticas espaciais correspondentes.

Desta forma, esta ressignificação se relaciona com a produção simbólica do espaço, mediada pela linguagem, pela comunicação cotidiana e garantida também pela produção material do espaço, a exemplo do ponto de cultura (NASCIMENTO; ARAÚJO; CARNEIRO, 2014), da praça de eventos, do museu dos caboclos, do itinerário simbólico instituído pelo poder publico municipal para esta tradição.

Diante disso, a produção simbólica do espaço faz referência à interpretação habermasiana da reprodução das “estruturas simbólicas do mundo da vida”, isto é, a cultura pelos processos de continuidade do saber válido, a sociedade pela estabilização da solidariedade de grupos e a personalidade pela formação da identidade pessoal de atores imputáveis (HABERMAS, 2012a). Por outro lado, a racionalização do mundo da vida pela lógica instrumental e estratégica do Estado tem contribuído para a reprodução simbólica desta tradição, com rebatimentos sobre a construção da identidade do povo com o território de Major Sales.

Este processo de reprodução liga as situações novas aos estados de coisas existentes no mundo da vida, seja na dimensão semântica da cultura, na dimensão do espaço social dos grupos de

pertença, ou na dimensão do tempo histórico das pessoas. Assim, as situações novas produzidas se ligam com as situações já dadas, produzidas, incluindo conforme Habermas (2012a), respectivamente, os significados e os conteúdos da tradição cultural, os grupos socialmente integrados e as gerações que se sucedem.

Deste ponto de vista, o espaço é sempre um encontro entre o novo e o velho (SANTOS, 1978, 1998, 1999) e, neste sentido, o agir comunicativo encontra-se na origem dos processos de sua reprodução. Destarte, sob o aspecto do "entendimento" se presta à transmissão e à renovação do saber cultural; sob o aspecto da "coordenação da ação" ou da interação social entre sujeitos que falam e agem uns com os outros, possibilita a criação de solidariedade e integração social e sob o aspecto da "socialização" sua função é formar as identidades pessoais (HABERMAS, 2012a). Depreende-se que pela linguagem voltada para o entendimento, isto é, por sua condição de intersubjetividade, a ação comunicativa garante ao mesmo tempo a transmissão, a formação e a renovação da sociedade.

O estudo se insere no contexto de pesquisas realizadas[2]: *Produção e reprodução material e simbólica do espaço (2016); Espaço, munda da vida e mundo do sistema no Alto Oeste Potiguar-RN* (2017) e *Espaço, mundo da vida e mundo do sistema: um panorama cultural do Alto Oeste Potiguar/RN (2018)*. Ambas tiveram por meta o problema levantado anteriormente e o município de Major Sales e a sua dança de caboclos foram objetos centrais.

Em ambos os casos se lançou mão do dualismo metódico habermasiano com a distinção entre perspectivas distintas, mas complementares, a do observador objetivo e a da participação de um intérprete o qual permite a "acoplagem" entre explicações pragmático-formais e análises empíricas ou históricas (SIEBENEICHLER, 2010, 2012b). Trata-se, assim, de um dualismo sem dualidade de tal modo que esta aludida acoplagem é compreensível pela sua teoria social da *disjunção* entre o mundo da vida e o mundo do sistema, pelo conflito entre a reprodução cultural e a dinâmica própria dos subsistemas autônomos, em nossas sociedades complexas, compostos pelo mercado e pela política.

O "método crítico dialético" de Habermas (MELO, 2012) ou método reconstrutivo se conecta com a perspectiva participante (FRANCISCO, 2006). A partir daí, preferiu-se a pesquisa qualitativa e de campo por meio da observação sistemática da tradição dançante durante a Semana Santa entre 2016 e 2019. Na ocasião, acompanharam-se os itinerários simbólicos e os festivais de caboclos

[2] Contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por meio da modalidade de bolsa de iniciação à pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre 2016 e 2018.

para a identificação das suas formas de manifestação espaciais. Cervo; Bervian (2002) chamam atenção para que a observação, não importa a modalidade, deve ser "atenta", "exata e completa", "precisa" e "sucessiva e metódica".

Diante disso, objetivou-se verificar como as ações instrumentais do pode público de Major Sales contribuem para a reprodução simbólica do seu espaço expressa nas formas materiais e simbólicas de identificação territorial associadas à tradição da dança de Caboclos.

Além disso, durante a semana santa de 2017 realizaram-se entrevistas com 20 brincantes de diferentes grupos de caboclos. As entrevistas ocorreram no período da noite e na sexta-feira da paixão, antes e após as apresentações dos grupos. Entrevistas são úteis, como afirma Sylvia Constant Vergara (2012, p. 4-5), como "um recurso em si mesmo", "como parte de um processo", quando o método escolhido é alimentado pela fenomenologia ou "método raiz" ou pela dialética, mas, sobretudo quando se quer obter informações que estão "dentro do indivíduo", isto é, suas "experiências vividas" ou quando se busca captar "a subjetividade inerente a todo ser humano". A opção seguiu-se pelas *entrevistas fechadas*, pelo contexto em que foram realizadas assim como também por permitir comparações e uniformidade das respostas.

De modo a demonstrar como as ações instrumentais da prefeitura municipal têm contribuído para a reprodução simbólica do espaço descreve-se, em seguida, os movimentos de renovação temporal desta tradição; na sequência discute-se a produção do espaço, das formas materiais e das formas simbólicas na confluência da relação entre identidade, cultura e território. Deste percurso algumas conclusões importantes se revelam para o contexto de análise.

A cultura dos caboclos em movimento

Caboclos era a denominação antiga para os mestiços avermelhados e até o final do século XVIII era sinônimo de indígena, contudo no século XX ainda que se referisse ao mestiço, incorporou a noção popular de "caboclo da terra" (CASCUDO, 1972). Para Lima (1999) estão associadas dimensões geográficas, raciais e de classe a esta categoria social que a torna complexa.

Em Major Sales, muito ligada à zona rural e às pessoas do campo, foi o Senhor José Berto da Silva que fundou em 1924 o primeiro grupo de dança de caboclos local. De lá para cá, as pessoas se preparam antes da Semana Santa e começam a fazer suas vestes com vários adereços: cordas de agave, palhas de carnaúbas, palhas de bananeiras, cabaças, fiapos de pano, chocalhos, máscaras de couro de caprino e também de papelão pintado com carvão.

Alterações na tradição foram acontecendo de geração para geração. Relato do Mestre Bebé revela que de 1960 para cá, quando começou a ser "brincante", a brincadeira da malhação de Judas

acontecia à noite e se estendia até o amanhecer, diferentemente de hoje que se brinca de dia e se chega à noite em casa para descansar (SOUZA, 2015).

Tempos em mudanças, mas também transformações espaciais. Desde a década de 1990 observa-se um deslocamento da tradição para o espaço urbano, tornado condição da reprodução simbólica de seu mundo da vida. Esta condicionalidade se revela nas formas espaciais materiais e simbólicas situadas na cidade, nos objetos construídos e nos itinerários percorridos no espaço urbano, numa atuação política direta quanto à produção material do espaço demandada para a tradição cabocla.

Segundo Habermas (1990), o mundo da vida se reproduz por meio das tradições culturais, da sua manutenção e renovação, das normas sociais e das estruturas de personalidade que garantem a construção da identidade. Este mundo, porém, sofre processos de reificação do mundo do sistema, por meio das ações instrumentais do mercado e do poder político. Tal processo verifica-se localmente, notadamente desde a década de 1990, com a criação deliberada do concurso de caboclos pela prefeitura municipal.

A lógica da integração social vincula-se a lógica da integração sistêmica, num processo que é característico do capitalismo avançado, e que a torna suscetível a crises e com ameaças à identidade (HABERMAS, 2002). A existência deste estado de coisas no mundo é resultado da instituição do "festival de Caboclos de Major Sales" ou "Concurso de Caboclos de Major Sales – Malhação de Judas". Neste contexto, a tradição se realiza na ambivalência entre a solidariedade social e a competição social, o que ameaça os processos comunicativos de construção de entendimentos mútuos e acordos entre os grupos de Caboclos diante da sua iminente substituição pelas de ações estratégicas guiadas pelo sucesso, isto é, pela vitória.

Em 2020 não se realizou a XXX[3] edição (figura 1) (PREFEITURA MUNICIPAL DE MAJOR SALES, 2020). Além disso, no ano de 2020, aconteceria o I Concurso Regional de Caboclos de Major Sales – Malhação de Judas (figura 2). Nos dois casos, trata-se de uma tradição inventada a partir da subsistente.

[3] Em função da pandemia do COVID-19, a Prefeitura Municipal de Major Sales cancelou a edição 30 do festival que aconteceria este ano de 2020.

Figuras 1 e 2 – Imagens de divulgação do XXX Concurso de Caboclos e do I Concurso Regional de Caboclos de Major Sales, RN.





Fonte: https://majorsales.rn.gov.br/informa.php?id=735.

Uma leitura do Edital do Festival de Caboclos da Prefeitura Municipal de Major Sales (2018) revela que a criatividade e a originalidade predominam como critérios de avaliação dos grupos de malhação de Judas e podem ser traduzidos na regra da "inovação": Inovar ou perder! Apenas a "pisada" não é objeto desta regra, mantendo-se os traços originais da dança.

Por conseguinte, a originalidade é avaliada em três áreas básicas: a) sonoridade, incluindo as letras das músicas e a apresentação dos músicos dos grupos de caboclos; b) figurino/indumentária com a utilização dos adereços: chocalhos, bastões com bolotas, cordas, couros, búzios, etc.; c) malhação do Judas.

Igualmente, a criatividade é analisada em três áreas: a) malhação de Judas; b) coreografia; c) figurino/indumentária. Há ainda a valorização do figurino – roupas e máscaras – a partir do uso de materiais da natureza e de objetos artesanais: folhas/palhas de árvores, couro, cordas e sacos de tecidos.

Paralelamente, do ponto de vista da "dinâmica espacial da dança", Souza (2015) observou que durante a apresentação no concurso seus desenhos espaciais não são fixos, mas apresenta um padrão: quatro fileiras paralelas, cada qual orientada por um puxador, em seguida formando dois círculos com quatro filas na diagonal que se encontram no centro e por fim, um círculo único com o boneco do Judas ao meio para ser malhado.

Durante a dança na praça, no concurso, permanece a intensidade dos movimentos corporais e a forte pisada, remetendo-se à resistência do sertanejo. Esta indicação da pisada forte, conforme se pode constatar em três anos seguidos de observação, revelou uma presença destacada de jovens brincantes. A batida pesada no chão de concreto e o ritmo intenso da dança, que não para, parece contribuir para que a sua reprodução aconteça mediante a garantia de renovação por via da

incorporação de novos brincantes. Em conformidade com os resultados, quando perguntado há quanto tempo brincavam nos grupos de Caboclos, 65% (13 brincantes) respondeu 14 anos, 4 havia 2 anos e apenas 5 fazia 20 anos.

Em síntese, a cidade é autoproclamada a "*Terra da Cultura dos Caboclos"*, pois a prática cultural é disseminada, os valores identitários dos são conservados e as crenças culturais transmitidas, contribuindo para a formação da identidade territorial. Por exemplo, quando indagados sobre o que identifica Major Sales em relação aos outros municípios da região, 12 brincantes responderam a cultura e os demais associaram à tradição dos caboclos.

Além disso, buscando-se compreender o sentido de identidade, ao serem perguntados sobre o que é identidade, verificou-se uma relação direta com a ideia de identidade cultural, pois 14 brincantes responderam ser a cultura. Os demais não souberam responder.

Com efeito, o objetivo principal do concurso de Cablocos de Major Sales, segundo a Prefeitura Municipal de Major Sales (2018), é o de "valorizar, preservar, fortalecer e difundir os trabalhos dos grupos de dança". Guiado pelo poder político, o mundo da vida local encontra-se diante de processos de reificação, as forças de integração sistêmica atuam incorporando e mesclando a racionalidade e o agir instrumental, próprias dos sistemas políticos e econômicos, à racionalidade e ação comunicativa, característica dos grupos sociais que se reproduzem culturalmente através dos processos de interação simbólica linguística.

Diante disso, cabe lembrar que a dança de Caboclos e a festa que a permite são expressões da quebra da vida cotidiana, característica geral das festas (CLAVAL, 2014). Os brincantes são urbanos, rurais, trabalhadores braçais, pedreiros, agricultores, de vida sofrida, de vida vivida no na labuta diária. A festa é o momento do esquecimento das idealizações do mundo da vida, expressa no "e assim sucessivamente" e "posso voltar a fazê-lo*"* (SCHUTZ, LUCKMAN, 2009). Isto significa que ao deslocarem-se no espaço os seres humanos podem, ao voltar ao seu ponto de origem, ter a *certeza* de que o mundo que eles deixaram permanece o mesmo, que os objetos em seu interior continuaram lá, e que suas ações podem ser realizadas a partir das condições que este espaço permitia anteriormente. O mundo da vida se define, também, por sua certeza imediata (HABERMAS, 1990).

Mas a tradição da malhação de Judas, no caso em destaque, já não se trata de uma festa vivida no sentido de uma "força da coletividade", pois como defende Monteiro (2007) as festas se tornaram "eventos" por via do turismo, logo, exigentes de requisitos técnicos e administrativos. Assim, nota-se a incorporação de regras técnicas aos processos de reprodução simbólica da cultura local. As regras criadas e mantidas por intermédio da socialização e das normas sociais partilhadas

intersubjetivamente no interior dos grupos de Caboclos são, agora, hibridizadas ou substituídas pelo instituto da competição no festival/evento de Caboclos. Como relata a Prefeitura Municipal de Major Sales:

> O concurso de caboclos teve seu surgimento no ano de 1991, sendo criado pelo Médio (sic) Dr. Pio X Fernandes, que reuniu no sábado de aleluia no Sítio São Miguel as turmas que estavam brincando na então Vila Major Sales para fazer uma disputa entre as turmas para saber qual a melhor. Desde então, essa brincadeira foi crescendo e as turmas também, ficando organizadas e estruturadas para a *competição* (2018, p. 3, grifo nosso).

Nesse contexto, a competição normatiza as ações, uma característica da própria ação é seguir regras. Como consta no edital do festival de caboclos de Major Sales, do ano de 2018, seu objetivo foi o de apresentar as regras que nortearam a execução do XXVIII Concurso de Caboclos. Isto significa, portanto, que a manutenção da tradição está agora normatizada pelo Estado e mediada por meios não linguísticos de coordenação das ações, como o dinheiro e a competição. Logo, ocorre uma premiação simbólica em forma de troféu para os grupos participantes e uma premiação monetária para os três grupos de dançantes com base na votação de um júri. Em 2018, o prêmio foi de 4.000, 3.000 e 2.000 R$ para o primeiro, segundo e terceiro colocados, respectivamente.

Carregado de símbolos deslinguistizados, Habermas (2012a, 2012b) se refere aos símbolos dinheiro e poder como meios sistêmicos que substituem, gradativamente, os meios linguísticos do agir comunicativo quanto à manutenção das tradições, a integração social e a socialização social. Além disso, o espaço aparece através de suas formas e dos fluxos entre elas e sobre elas, apesar de sua materialidade de base, com uma simbologia integrada. São assim os espaços simbólicos e os itinerários simbólicos da tradição de malhação do Judas.

Itinerário e espaços simbólicos

Há dois itinerários simbólicos que identificam a tradição local. Mantenho as denominações compartilhadas intersubjetiva no seu mundo da vida. O "Itinerário dos Caboclos de Major Sales" se realiza nas terças, quartas e quintas-feiras durante a semana santa. Os grupos que antes percorriam as ruas e casas, do espaço urbano e do espaço rural, durante o dia ou à noite, de modo aleatório e por decisão interna do seu mestre e dos seus membros, agora seguem um roteiro, elaborado anualmente pela prefeitura municipal, e que culmina à noite com as apresentações na praça de eventos, conforme calendário de rodízio para cada um (NASCIMENTO, 2017). Em 2019,

participamos desse itinerário, desde a recepção em uma pequena praça pública no centro da cidade, percorremos um trecho da BR 405, passando em frente à Igreja Matriz, entrando na Rua José Nazário e seguindo pela Rua da Ribeira, para finalizar na praça de eventos (figura 3).

Figura 3 – Itinerário simbólico dos Caboclos de Major Sales, durante a noite no XXVIII festival de malhação do Judas em 2018.



Fonte: elaboração própria (2020).

Neste ritual de travessia espacial, vivenciamos momentos em que os caboclos dançam, pedem contribuição financeira a quem assiste. E foi assim, vivenciando a pesquisa de campo que fiz a minha colaboração de 50 R$, a qual foi agraciada com uma poesia improvisada pelo mestre que puxava o grupo ao embalo de um simpático e empolgado trio de forró, com instrumentos conectados a um pequeno paredão de som em um carro de passeio. A população seguia o trio, a pé, de bicicleta, de moto!

O outro itinerário, o "Arrastão Cultural dos Caboclos" acontece na sexta-feira santa. Constitui-se por uma passeata em fileiras de brincantes que se concentram nas proximidades da Prefeitura Municipal (figura 4), seguindo pela BR 405 que atravessa a cidade (figura 5), passando pelo museu dos Caboclos (figura 6) com destino à Igreja Matriz e à casa do prefeito. Neste chegar, se apresentam (figura 7), se autorrepresentam (figura 8) e dançam ao som do trio de forró de cada grupo (figura 9). À frente, segue a fileira dos Caboclos Mirins, alunos de escolas da cidade, e na retaguarda a fileira dos grupos que disputarão o festival e que se apresentarão em praça pública

durante a competição. Destaca-se a normatividade da participação do grupo de dança nestes itinerários, atrelada ao ganho de 10 pontos extras durante a apresentação no festival de caboclos.



Fonte: acervo pessoal.

Com efeito, neste pedaço do mundo, no período da semana santa para os cristãos católicos, a população de Major Sales, incluindo os idosos, os adultos, os jovens e as crianças, compartilha na forma de uma prática sedimentada a sua tradição cultural, mediada pela dança, pela música e pelos atos comunicativos intersubjetivamente compartilhados. Neste contexto, compreende-se como a prática comunicativa cotidiana espalha-se sobre as dimensões do espaço e sobre o tempo histórico e serve à reprodução da cultura, dos grupos sociais e das personalidades de seus sujeitos participantes (HABERMAS, 1990).

O mundo da vida é formado por seu centro e suas zonas que se distanciam, isto é, há convicções de fundo e interpretações compartilhadas que garantem a coesão social, mas que se tornam problemáticas à medida que nos afastamos no espaço. O mais correto, portanto, é se referir a mundos da vida, pois sendo um mundo compartilhado intersubjetivamente encontra seus limites e possiblidades ao entendimento e ao consenso no encontro de mundos, inclusive com o mundo do sistema administrado e econômico que funcionam a partir dos imperativos do dinheiro e do poder. Por isso, o espaço pode ser compreendido enquanto mundo da vida, afirmando-se por suas ações comunicativas, mas também como mundo do sistema organizando-se por via do agir instrumental (CARNEIRO, 2009, 2011a, 2011b, 2015).

Como toda a vida, seu mundo precisa reproduzir-se, deste modo, esta reprodução se realiza espacialmente pela construção de formas simbólicas expressa nos fixos e nos fluxos, nas localizações e nos itinerários (CORRÊA, 2007). Deste modo, a produção simbólica do espaço pela ação comunicativa acontece concomitantemente à sua produção material pela ação instrumental. Apenas de modo formal pode-se separar mundo da vida e mudo do sistema, produção simbólica e produção material do espaço, a linguagem comunicativa e o uso não comunicativo da fala são dimensões básicas da vida expressa em interação social e trabalho. É neste sentido que se fala da dupla natureza do espaço, comunicacional e instrumental, pública e privada (CARNEIRO, 2009), ainda que esta última dimensão seja a dominante em nossas sociedades complexas e garantida pela via da colonização interna do mundo da vida.

Neste contexto, a tradição dos Caboclos se reproduz culturalmente, socialmente e pessoalmente. Seus mundos sociais e subjetivos se materializam no mundo objetivo representado pela totalidade das coisas e pela totalidade dos objetos, no dizer de Habermas (2012a). Deste modo, materializa-se em objetos geográficos – a praça, o museu – em normas sociais – o concurso, a competição.

Paralelamente, pelas ações didáticas nas escolas – artes em geral feitas pelos alunos e pelos professores sobre a cultura da malhação de Judas (figura 10), bem como máscaras com reutilização de materiais (figura 11). A tradição também se formaliza com a escola, isto é, pode ser aprendida e ensinada mediante parâmetros institucionais.

10



11



Fonte: acervo pessoal.

Neste contexto, as escolas têm a função de reprodução do saber válido compartilhado socialmente pelas pessoas de um mesmo mundo da vida. Neste particular, chama atenção os projetos desenvolvidos na rede pública municipal de ensino de Major Sales, pelos professores em cooperação com os Mestres e os grupos de Caboclos. Eles dedicam uma semana em atividades de confecção de máscaras, redações, poemas e apresentações de danças por parte dos alunos (NASCIMENTO, 2017). Como lugar do saber sistematizado, acredita-se, deste modo, que

discussões sobre identidade territorial podem ser inseridas na agenda educativa com rebatimentos futuros para a própria valorização da dimensão espacial como forma de pertencimento.

Por outro lado, no caso do Museu Cultural de Major Sales, este foi criado pela Lei nº. 131 de 29 de abril de 2008 para servir de espaço de exposição histórica e para proporcionar e estimular estudos, pesquisas históricas e culturais (PREFEITURA MUNICIPAL DE MAJOR SALES, 2008). Em 2017 ocorreu a sua inauguração, passando a contribuir para guardar a memória coletiva desta tradição e garantir sua manutenção para as gerações futuras.

O museu atual funciona num antigo prédio, cuja função foi alterada para atender as demandas atuais manifestadas nos processos culturais de valorização territorial. Neste sentido, o espaço constitui um sistema de formas representativas de relações sociais passadas e atuais e de estrutura relacionais manifestadas através de processos e funções (SANTOS, 1978). Esta mudança no conteúdo do objeto provoca alterações nos fluxos, impulsionando, assim, a frequência cotidiana de pessoas que visitam o Museu para conhecer a cultura local.

Neste particular, o espaço é produzido e organizado para atender as demandas sociais. De tal modo, durante o período da semana santa e, mais efetivamente, nos dias de festa, de apresentação cultural e musical, migram para a cidade centenas de pessoas da zona rural ou de municípios circunvizinhos.

Além do mais, se implanta no território barracas para a comercialização de comidas e bebidas, artesanato, jogos dinamizando a economia local e regional, bem como configurando a paisagem patrimonial periódica de Major Sales. A festa, portanto, integra duas lógicas distintas, mas inseparáveis da produção do espaço, a produção simbólica por via dos elementos do mundo da vida e a produção material por meio dos elementos do mundo do sistema.

Representativo desta integração social por via da integração sistêmica, o Ponto de Cultura se constitui em referência para os processos de reprodução do mundo da vida local. Sendo composto por 60 pessoas, 45 sócios e 15 bolsistas, suas ações incluem a formação profissional, qualificação artística, cursos de capacitação, criação de espetáculos, aperfeiçoamento de técnicas artesanais e palestras de divulgação para toda a comunidade (NASCIMENTO; ARAÚJO; CARNEIRO, 2014). Apoiando-se no agir comunicativo, contribui para a manutenção e atualização da tradição cultural, da renovação dos grupos sociais e da formação das competências pessoais.

Por tudo isso, os vínculos espaciais dos caboclos são diretos com os objetos públicos da cidade, isto é, com a rua, a igreja e a praça. Entretanto, Nascimento (2017) verificou frágeis referentes espaciais para os grupos de caboclos e levanta como hipótese a de que os ensaios dos grupos de

Caboclos acontecem no galpão de casa, na casa dos mestres ou em prédios alugados pela prefeitura conforme lhe relatou em entrevista o mestre Antônio Grosso dos caboclos do sitio Bom Jardim.

Por outro lado, o território parece não fazer parte dos sistemas interpretativos das pessoas que compartilham este mundo da vida. Afirma-se tal fato indiretamente pelas exteriorizações de fala dos brincantes ao serem perguntados sobre o que seria território. 60% não souberam responder, ou seja, 11 brincantes. Além destes, 6 associou à praça e 1 à área em que ele dança. Os demais relacionaram com cultura.

Depreende-se que a identidade cabocla acontece em dois níveis: um difuso, amplo, pela população que se relaciona com a tradição e um contido, específico, que se relaciona com os próprios grupos dançantes e com o modo como seus participantes encaram a tradição e se identificam com ela e com o próprio espaço. Em ambos os casos, o Estado tem sido um ator atuante segundo os seus propósitos manifestos de garantir a renovação da tradição e do mundo da vida em Major Sales.

Considerações finais

A análise da produção simbólica do espaço de Major Sales, RN, expressa na construção e manutenção da identidade territorial pela identidade cultural do povo com a Dança de Caboclos, revelou que as ações instrumentais do poder público municipal são uma condição recente da própria manutenção dessa tradição.

A pesquisa empírica de base qualitativa, em diferentes anos e sempre durante a semana santa, valendo-se de observações sistemáticas e da participação direta em campo assim como também com a realização de entrevistas com os Caboclos, se revelaram promissoras para o encontro desses resultados.

Neste contexto, a identificação das formas simbólicas, por exemplo, a praça de eventos criada para acolher o festival de Caboclos e o museu dos Caboclos para a guarda da memória coletiva comprova que o Estado se empenhou na promoção da produção material do espaço como condição da reprodução das estruturas simbólicas do mundo da vida. Mas, além disso, os itinerários simbólicos, por nós percorridos, revelaram que seus marcadores territoriais de saída são a Prefeitura, e de chegada a Igreja, a casa do Prefeito e a praça de eventos.

Paralelamente, o aporte teórico, mediante a compreensão da sociedade como mundo da vida e o seu conceito complementar de agir comunicativo, bem como o mundo do sistema particularmente delimitado na esfera do poder político forneceu os caminhos não apenas da escolha metodológica

e das técnicas, mas especialmente para a explicação e a compreensão adequada para a questão. Desta forma, a lacuna no saber geográfico sobre o tema indica um campo aberto para futuras pesquisas nesta mesma linha aventada quanto em outras dimensões.

Referências

ANDRADE, G. Las quemas de Judas en dos poblaciones zulianas: Potrerito y La Cañada. **Revista de Artes y Humanidades Única,** v. 8, n. 18, p. 232-258, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1701/170118447012.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

ASSIS, M. P.; CONCEICAO, T. C. F.; CARNEIRO, R. N. Identidade territorial e os caboclos de Major Sales, RN. In: XXII ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO NORTE - EGEORN: DESAFIOS DA GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 22., 2016, Pau dos Ferros. Anais... Natal: CCHLA, 2016. P. 75-83.

AZZI, R. **O catolicismo popular no Brasil:** Aspectos da história. Petrópolis: Vozes. 1978.

CARNEIRO, R. N. A natureza do espaço numa perspectiva comunicativa ou pública. **Boletim Goiano de Geografia,** Goiânia**,** v. 29, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4959>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CARNEIRO, R. N. **As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos sócioespaciais de redes de dormir do Nordeste brasileiro.** 2011. 100 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011a.

CARNEIRO, R. N. O espaço como um sistema de objetos e um sistema de ações orientadas para fins e para o entendimento. **Geografia** (UFPI), v. 9, p. 1-20, 2011b.

CARNEIRO, R. N. **Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos hoje.** Mossoró: Edições UERN, 2015.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro.** 5a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CLAVAL, P. A festa religiosa. **Ateliê geográfico**, Goaiania-GO, v. 8, n. 1, p. 6-29, abr. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29952>. Acesso em: 28 jul. 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas espaciais e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio Claro, ano IX, n. 17, p. 7-18, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13530>. Acesso em: 28 jul. 2020.

FRANCISCO, R. H. de B. A República e o Homem Comum: Um estudo sobre a competência cívica. 97f. 2006. Dissertação (Mestrado em Direito) – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS, A. L. de. **Uma análise da distribuição espacial da dança de caboclos "folguedo dos arrepiados" no território serra do brigadeiro.** 2016. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2016.

GIOP, M. Quemando al judas: la fiesta como evento geográfico. **Revista Huellas,** v. 23, n. 2, p. 107-127, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7172794>. Acesso em: 28 jul. 2020.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico:** estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, J. **A crise de legitimação do capitalismo tardio.** 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

HABERMAS, J. **A Lógica das Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo:** racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a. v. 1.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo:** sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b. v. 2.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999. p. 169-190.

HARVEY. D. **Condição Pós Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Ed. Loyola. São Paulo Brasil.1992.

JIMÉNEZ, B. G. Quemar al traidor, quemar al afuerino: la quema de Judas en Iquique, Chile. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, nº 13, p. 69-77, 2007. Disponível em: <http://revistas.uach.cl/index.php/racs/article/view/1033>. Acesso em: 25 jul. 2020.

LIMA, D. de M. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA,** v. 2, n. 2, p. 5-32, dez. 1999. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3125/1/Artigo_ConstrucaoHistoricaTermo.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MOTA, Á. V.-B. da. **Queimação do Judas:** catarismo, inquisição e judeus no folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MEC/SEAC, 1982.

MELO, M. F. de. Hermenêutica e dialéctica: Gadamer e Habermas na metodologia das Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia [Online]**, v. 10, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ras/172>. Acessado em: 03 maio 2019.

MENDES, A. R. M. **A malhação do Judas: ritos e identidade**. 150 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do

Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

NASCIMENETO, J. F.; CARNEIRO, R. N. Os caboclos e a identidade territorial, Major Sales/RN. In: OLIVEIRA, C. D. M. de et. ali. **Os outros, Nós somos... NEER (2006-2016).** Timburi/SP: Editora Cia do Ebook, 2017. v. 1, p. 703-725.

NASCIMENTO, J. F. **Dança de caboclos e a identidade territorial em Major Sales/RN**. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró. 2017.

NASCIMENTO, J. F.; ARAUJO, F. R. F.; CARNEIRO, R. N. O lugar na construção social: o ponto de cultura de Major Sales/RN. **Revista Terra Livre**, v. 2, p. 206-224, 2014. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/593>. Acesso em: 25 jul. 2020.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator**, Revista de Geografia da UFC, v. 6, n. 11, p. 23-32, 2007. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/54>. Acesso em: 28/07/2020.

PREFEITURA MUNCIPAL DE MAJOR SALES. Lei n. 131/2008, de 29 de Abril de 2008. Dispõe sobre a criação do Museu Cultura do Município de Major Sales/RN. Major Sales, 2008, 2p.

PREFEITURA MUNCIPAL DE MAJOR SALES. Regulamento Festival de Caboclos de Major Sales. Major Sales: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.

PREFEITURA MUNCIPAL DE MAJOR SALES. Regulamento do I Festival Regional de Caboclos de Major Sales. Major Sales: Secretaria Municipal de Cultura, 2020. Disponível em: <https://url.gratis/MaGs3>. Acesso em: 28 jul. 2020.

RODRIGUEZ, S. T. Sanción simbólica em la fiesta de semana santa: Quema de Judas. **KUNTUR – Revista de Investigacion Cientifica da UDAFF,** v. 2, n. 2, p. 41-46, 2014. Disponível em: <http://revistas.udaff.edu.pe/index.php/kuntur/article/view/14>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, M. **O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SIEBENEICHLER, F. B. Apontamentos sobre cooperação e crítica nas filosofias de R. Rorty e J. Habermas. In: LIMA, C. R. M. de; GÓMEZ, M. N. G. de (Orgs.). **Discursos habermasianos.** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 7-20.

SIEBENEICHLER, F. B. Apresentação à edição brasileira. HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo:**

sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b. v. 2. p. VIII-XXVI.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida.** Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

SILVA, A. L. da. **A "Queima do Judas": uma forma de expressão do pensamento popular utilizada pelos grupos urbanos marginalizados**. Revista temática, ano IX, n. 04, p. 1-14, abril, 2013.

SOUZA, J. L. de. **Danças no RN:** motivações, dificuldades e configurações. 2015. 192f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ZECCA, M. Z. La quema de Judas: uma manifestacion de la religiosidade popular em Heredia. **Revista Reflexiones,** v. 87, n. 1, p. 53-61, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/729/72912553003.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.